

Diga o nome dela

Fernanda Silva e Sousa

"Tem pessoas que saem das universidades para ser escritora. E eu saí da favela. Saí do lixo. Saí do quarto de despejo. E o meu nome corre mundo."

Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria*

Quarto de despejo: diário de uma favelada, publicado em 1960 pela editora Francisco Alves, com edição do jornalista Audálio Dantas, ainda é a obra mais conhecida da escritora mineira Carolina Maria de Jesus. Tremendo sucesso à época, mostrando-se um fenômeno mundial ao ser traduzido para treze línguas e publicado em mais de quarenta países, a publicação do livro foi responsável por retirá-la do perverso anonimato e invisibilidade a que o racismo e a pobreza relegam milhões de pessoas, imprimindo sua voz e seu pensamento no elitizado mundo das letras. No entanto, mais do que o seu nome, foi o epíteto "favelada" que se destacou e tomou a frente no processo de divulgação e circulação do seu livro, num período em que o Brasil passava por um acelerado projeto desenvolvimentista e excludente e, ao mesmo tempo, o campo progressista buscava se aproximar mais das chamadas "massas". "Favelada" foi acoplado à sua identidade quase como se fosse impossível apresentá-la ao mundo sem demarcar o lugar a partir do qual escreveu, mesmo que, ao escrever, ela procurasse sair desse lugar, contornando os limites de um imaginário racista e sexista para contar sua história em primeira pessoa. Se, segundo o filósofo francês Michel Foucault,

o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o fato de se poder dizer "isto foi escrito por fulano" ou "tal indivíduo é o autor" indica que esse discurso não é um discurso cotidiano, indiferente: um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que

deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto.¹

No caso de Carolina, sequer um nome de autor lhe parecia possível, na medida em que ela representava o avesso da figura do escritor: negra, pobre, mãe, moradora de favela, com baixa escolaridade, uma série de atributos que a desqualificariam para o ofício literário. Se ela não era escritora, por que destacar seu nome? Não à toa, é recorrente nas entradas da primeira edição de *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, publicada em 1961, a narração de abordagens de pessoas na rua que lhe perguntavam: “Não é você a favelada que escreveu um livro?”. Sem nunca se identificar positivamente com a alcunha de favelada, era por meio desta palavra, tão sublinhada e anunciada, que muitos a conheciam e reconheciam. Seu nome – Carolina Maria de Jesus – estranhamente tinha menos relevância numa cultura letrada que a valoriza a noção de autoria e, conseqüentemente, a figura do escritor. Mas na figura do escritor por muito tempo não cabia um rosto negro.

Sem encontrar uma cadeira para sentar na “sala de visitas”, como ela descrevia sua sensação de não lugar em *Casa de alvenaria*, é como se Carolina tivesse adentrado o restrito e mundo das letras pelo elevador de serviço e pela porta dos fundos, isto é, a partir da posição da trabalhadora doméstica e não de escritora, para quem não há um lugar na mesa e cujo nome tantas vezes não importa. Afinal, como conta a escritora martinicana Françoise Ega, em seu romance epistolar endereçado a Carolina Maria de Jesus, escrito na década de 1960 e publicado postumamente, quando se refere a mais um episódio de seu cotidiano como trabalhadora doméstica nas “casas de família” na França: “Quinze dias se passaram e ninguém perguntou como eu me chamava nem pediu a

¹ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 15.

minha carteira de identidade, é incrível!"² Seu irônico espanto com a indiferença ao seu nome parece, em retrospecto, explicar por que tantas narrativas de ex-escravizados começavam com uma espécie de "autocertidão" de nascimento, em que o autor ou autora escrevia seu nome e se situava numa genealogia como gesto inaugurador e fundante de sua narrativa.³

Assim, a obra de Carolina Maria de Jesus foi inscrita na literatura a partir do seu próprio não lugar no reino das letras, enfatizando o que tornava impróprio e disparatado seu reconhecimento como aquilo que não apenas não era, mas fundamentalmente não podia ser: escritora. Sob o risco de colocar em xeque a consolidada, estável e prestigiada figura do escritor branco, era preciso transformar uma prática constitutiva de sua vida e identidade – escrever – em um dado pontual, espontâneo, fortuito, de alguém que precisou escrever para sobreviver a um contexto de violência e miséria e "documentou" essa realidade. Era necessário deixar em segundo plano toda sua produção literária, ou, como aconselhou Audálio Dantas no prefácio da primeira edição de *Casa de alvenaria*, guardar todos seus poemas, romances e peças.⁴

Como afirma o historiador haitiano Michel-Rolph Trouillot ao refletir sobre a dimensão do poder na construção da narrativa histórica a partir da Revolução Haitiana, "quando a realidade não coincide com as crenças mais profundas, os seres humanos tendem a construir interpretações que forçam a realidade a caber no escopo dessas crenças".⁵ Nesse sentido, assim como o levante de escravizados no campo da história, Carolina parece ter entrado

² Cf. EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*. Trad. Vinícius Carneiro; Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021, p. 5.

³ Ver mais em: OLIVEIRA, Rafael Domingos. *Vozes Afro-Atlânticas: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade*. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

⁴ "Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas "poesias", aqueles "contos" e aqueles "romances" que você escreveu." DANTAS, Audálio. *Casa de alvenaria – história de uma ascensão social*. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961, s/p.

⁵ TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 1995, p. 72.

no mundo das letras com “a peculiar característica de ser impensável mesmo tendo acontecido”.⁶ Não por acaso, a obra de Carolina permaneceu por muito tempo ausente da historiografia literária brasileira, uma vez que se colocava na ordem do impensável a inclusão da *dicção* de uma mulher negra que abalava a figura da “mãe preta”, da “escrava”, da “empregada”, da “mulata” presente no imaginário literário, o elemento paradoxalmente visível e invisível que sustentava o prazer, o conforto e, principalmente, a subjetividade de personagens brancas. “Mulatinha”, “mulata”, “negrinha”, “negra”, “empregada” muitas vezes se tornaram seus nomes na literatura brasileira. Caso tivesse um nome, isso não significava que um nome a tornava digna de uma história que não se resumisse à violência e à exploração do branco. Bertoleza, de *O cortiço*, que o diga.

Para Carolina, escrever, ainda mais em primeira pessoa, talvez significasse insistir em seu nome e, conseqüentemente, em sua própria história. Podia haver – e havia – muitas mulheres negras nas mesmas condições que ela, uma dimensão que ela não ignorava ao dizer que escrevia sobre todos os favelados, “estes projetos de gente humana”,⁷ mas só havia uma Carolina Maria de Jesus nascida em 14 de março de 1914, mãe de José Carlos, João José e Vera Eunice, filha de dona Cota e neta de seu Benedito, o Sócrates Africano. Porém, para a imprensa e para a elite intelectual, o que importava não era tanto o seu nome, a singularidade de sua história, mas sua condição de favelada que, não contente em saber ler e escrever, ainda decidiu escrever um livro. O *outdoor* colocado na frente da Livraria Francisco Alves à época do lançamento, que tinha uma fotografia de Carolina às margens do rio Tietê, cabisbaixa e com uma roupa velha, dizia:

ESTA FAVELADA,
carolina maria de jesus,

⁶ Ibid., p. 72.

⁷ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020, p. 29.

ESCREVEU UM LIVRO.⁸

Centenas de pessoas se acumularam na frente e no interior da livraria, localizada no Vale do Anhangabaú, para ver de perto a “favelada” que “escreveu um livro” no dia do lançamento de *Quarto de despejo*, em agosto de 1960. Chama atenção o uso de letras minúsculas na grafia do seu nome, que contrasta com a caixa-alta de “Esta favelada” e “escreveu um livro”, evidenciando o sensacionalismo na divulgação do livro. Pensando na construção sintática do anúncio, seu nome pode ser facilmente suprimido da frase, sem prejuízo à compreensão do leitor, de modo que o uso da caixa-baixa reforça o caráter acessório e dispensável de seu nome. Seu nome aparece na exata medida em que pode facilmente desaparecer, pois não é o nome que importa, mas a origem social do seu discurso: “favelada”. Diferentemente da intelectual afro-americana bell hooks, que advogaria o uso da caixa-baixa na grafia do seu nome como forma de jogar luz em suas ideias e não em quem ela era, colocando-se na contramão de uma produção intelectual individualista, centrada mais na celebração do autor do que no potencial emancipatório de seu pensamento, no caso de Carolina, a diminuição simbólica de seu nome, grafado inteiramente em letras minúsculas, mesmo tendo escrito um diário, um dos gêneros mais intimistas, era a materialização, na forma de *outdoor*, do que o subtítulo do livro anunciava: diário de uma favelada, não de Carolina Maria de Jesus. Como ela mesmo sentenciava após comentar o caso de um homem negro da favela que morreu após comer comida estragada e foi enterrado como indigente: “Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome”.⁹

Todos os poemas, contos, peças, romances, toda sua impetuosa dedicação à literatura, anterior ao encontro com Audálio Dantas, desaparecem quando o que está em jogo é destacar o imponderável: uma “favelada” que escreve, em que a

⁸ Esta imagem pode ser visualizada no seguinte link: <<http://www.saopauloinfoco.com.br/carolina-maria-de-jesus/>>. Acesso em 27 abr. 2022.

⁹ JESUS, op. cit., 2020, p. 43.

prática da escrita a diferencia dos demais “favelados” – muitos, à época, analfabetos –, como ela mesma tinha consciência, ao se gabar de sua habilidade de ler e escrever, sentindo-se superior aos seus pares, ao mesmo tempo que fazia uso dela para defender a vida dos “favelados”. Trata-se, portanto, de uma “favelada” *que* escreveu um livro, aproximando dois universos – o da favela e o da cultura letrada – cuja convergência parecia impossível e indesejável. Nesse processo, diante da impossibilidade de não ver aquela mulher negra retinta, imponente e corajosa, que fascinava e assombrava as elites e a imprensa, rasurando a brancura do mundo das letras com sua negrura, ao menos o nome próprio, algo tão caro à identidade do autor, podia ser diminuído, invisibilizado, apagado, deixado à sombra, ainda mais quando as mulheres negras advêm de uma longa história de violação em que seus nomes estão fadados ao esquecimento ou ao desaparecimento. Não é difícil esquecer um nome de quem não deve ser lembrado, tampouco apagar um nome de quem não deveria ter sobrevivido.¹⁰

Pode parecer exagerada ou inadequada essa leitura em 2024, quando observamos o quanto a obra de Carolina Maria de Jesus tem sido mais reconhecida, editada, lida, pesquisada nas últimas décadas, inclusive com a homenagem que recebeu com a exposição *Um Brasil para os Brasileiros*, organizada pelos curadores Hélio Menezes e Raquel Barreto. Trata-se de uma mudança que se articula a uma maior presença de estudantes e pesquisadoras negros nas universidades, à Lei 10.639/2003, bem como a um esforço de várias pessoas que têm se dedicado a estudar sua obra. Seu nome tem sido, mais do que nunca, lembrado e afirmado com frequência, utilizado para nomear coletivos, espaços, escolas, prêmios, como símbolo da resistência, coragem e audácia das mulheres negras. Porém, o título do seu livro mais famoso e vendido, ainda a maior porta de entrada para sua obra, continua sendo *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, não *Quarto de despejo: diário de Carolina Maria de*

¹⁰ Ver mais em: HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista ECO-Pós*, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. Trad. Marcelo R. S. Ribeiro; Fernanda Silva e Sousa.

Jesus. Sua primeira aparição na mídia após o encontro com Audálio Dantas, na longa reportagem escrita pelo jornalista em 1958, assim é anunciada: “O drama da favela escrito por uma favelada”,¹¹ não o “O drama da favela escrito por Carolina Maria de Jesus”. Por isso, pensar e escrever sobre Carolina, mesmo em 2024, envolve lidar não apenas com os espectros de sua emergência na cena nacional enquanto “favelada”, mas também com os espectros de um passado escravista que assombravam a impensável existência de uma mulher negra pobre como escritora nas décadas de 1950 e 1960, cujo nome, de forma análoga ao de uma escravizada, podia ser subtraído. Assim, desejo, desde o presente, tentar rasurar as matérias de jornais e, sobretudo, o *outdoor*, pichando, em letras garrafais, a seguinte mensagem:

esta mulher,
CAROLINA MARIA DE JESUS,
escreveu um livro.

“Diga o nome dela” (*Say Her Name*) é um dos lemas e motes do movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), um dos mais importantes e radicais movimentos do século XXI, em sua interminável luta contra a violência policial que dizima pessoas negras cotidianamente, inclusive mulheres negras. Esse pedido, reivindicação, desejo, ordem se inscreve numa ética e estética de luta em que os vivos buscam caminhar em memória dos e com os mortos, cujos nomes não podem e não devem ser esquecidos. Numa tentativa de interromper os discursos que reduzem as vítimas a mais um menino negro morto ou a mais uma menina negra morta pela polícia, a mais um número nas estatísticas de homicídios, os nomes dos mortos ressoam em gritos, em meio a lágrimas, tornando-os uma frequência, um som, uma vibração que paira no ar e ajuda a respirar quando tanto ar nos falta. Mesmo sob o risco da banalização de existências cujos nomes nunca serviram como escudo e que podem virar uma mera *hashtag* nas

¹¹ Cf. DANTAS, Audálio. O drama da favela escrito por uma favelada. *Folha da Noite*, São Paulo, 9 de maio de 1958.

redes sociais após sua morte, dizer um nome de ~~uma~~ mulher negra morta, em alto e bom som, é também dizer e evocar sua vida, mas deixando ecoar, no silêncio que segue cada grito, o vazio que essa perda instaura. Mas e quando essa mulher negra diz e escreve seu próprio nome quando viva, saindo em defesa dele, na tentativa de marcar sua singularidade, assinalando uma narrativa que a livra de se tornar apenas uma estatística?

O que pode mudar quando pensamos em *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria* como *diários de Carolina Maria de Jesus*, não de uma *favelada* e de uma *ex-favelada*? É curioso que a reconstrução de si e do seu mundo num gênero intimista como o diário ainda assim não seja suficiente para afirmar seu nome, subsumido pela ideia de um retrato “sem retoques” ou “biografia” da favela, como escreve Audálio Dantas no prefácio à primeira edição do livro. O que é um diário de uma mulher negra se transfigura numa *biografia* sobre a favela ou num *documento* de valor sociológico, em que não é apenas seu nome que desaparece, mas também sua própria vida, um dado menor frente à realidade que ela desvelaria e denunciaria pela escrita. No entanto, é justamente a escrita de seu diário que, de *dentro* do quarto de despejo da cidade, abre uma janela para fora dele, para um mundo sonhado em que seria possível recortar um pedaço do céu e fazer dele um vestido ou dar sapatos novos para Vera Eunice em seu aniversário, para um mundo que já existe, em que se deita com um lápis debaixo do travesseiro, pula o carnaval com vestido de penas de galinha e vive uma paixão com seu Manoel. Em *Quarto de despejo*, podemos descobrir que em seu barraco de 15 m² reside a força de uma imaginação poética e radical que vai muito além dos limites da favela do Canindé.

Nesse sentido, é a promessa da transformação do seu diário em livro, a partir do trabalho de edição de Audálio Dantas, do “repórter”, que se anuncia como passaporte para outro mundo. Não à toa, é com imenso orgulho e emoção que Carolina registra, no dia 14 de agosto de 1960, dias antes do lançamento, o momento

em que viu a edição de *Quarto de despejo* pronta, com seu nome na capa:

O reporter desembulhou os livros e deu-me um. Fiquei alegre olhando o livro e disse:
- O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor.
E li o meu nome na capa do livro.
Carolina Maria de Jesus.
Diário de uma favelada.
QUARTO DE DESPEJO
Fiquei emocionada. O reporter sorria:
- Tudo bem, não é, Carolina?
- Oh! Sim. Tudo bem.
É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti. O professor Faé disse:
- Hoje é dia 13, dia de sorte.
... Eu fui na lagoa buscar as roupas, porque queria ler o meu livro. Os filhos abluíu-se e deitaram-se. Fiquei lendo o meu livro "Quarto de despejo" até as 3 da manhã. Quando terminei a leitura eu disse:
- Deus ajude o reporter!
Fiquei tão emocionada que não dormi.¹²

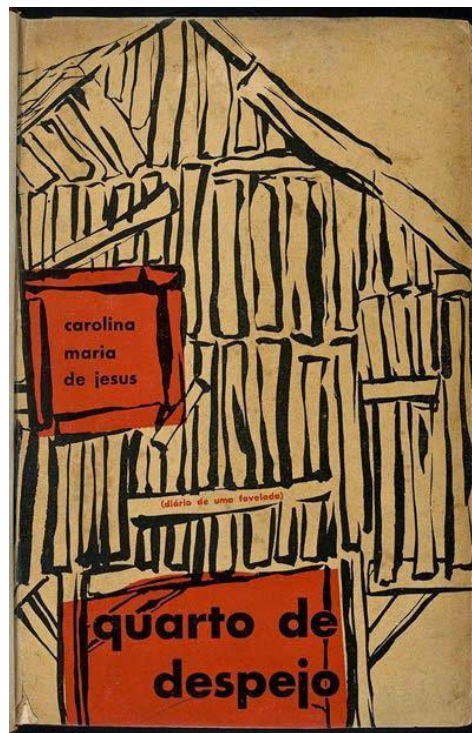
Enquanto no *outdoor* em frente à livraria seu nome aparece em caixa-baixa, Carolina escreve seu nome com as iniciais em letra maiúscula, como aprendemos que nomes próprios devem ser escritos, destacando a emoção de ver o seu nome na capa, de ver o seu nome de *autora*. Era um nome que, ao ser grafado na capa de um livro, se transformava num luxo diante da marginalização social e da invisibilidade que acometiam tantas mulheres negras pobres como ela, que morriam no mais completo anonimato e indigência e, principalmente, diante de uma história em que suas figuras foram pintadas, fotografadas, registradas, sem autorização e sem identificação, mas que deixam a certeza de que elas tiveram um nome e uma vida que ia além da captura pelo olhar do outro.¹³ Carolina Maria de Jesus, um nome dado pela mãe, chamada Maria Carolina, se impõe e levanta o véu sobre o rosto que palavras como *negrinha*, *macaca*, *crioula* impediam que fosse visto. Ter sempre invejado o nome do autor quando olhava para os livros, objetos que podem circular de mão em mão e por diferentes lugares,

¹² JESUS, op. cit., 1961, p. 33.

¹³ Refletindo sobre a foto de uma menina negra não identificada, fotografada seminua em um estúdio onde posa como uma odalisca, Saidiya Hartman escreve: "Sem um nome, há o risco de que ela nunca escape do esquecimento que é o destino de vidas secundárias e de que seja condenada àquela pose pelo resto da sua existência, permanecendo como uma figura insignificante anexada à história de um grande homem, relegada ao item número 308", cf. HARTMAN, op. cit., 2022a, p. 35.

parece evidenciar seu anseio de ter sua existência vista e reconhecida, de ser uma vida que importa, de ter um nome que evoca uma história e, não menos importante, uma ancestralidade, pois um nome se situa em uma relação de parentesco, da qual tantos escravizados foram apartados, ao serem vistos como *escravos* de alguém, não como *filhos* de alguém.

Porém, não era só no *outdoor* que seu nome estava em letras minúsculas. Na capa da primeira edição do livro, tudo está em letra minúscula:



Ao sentir, admirada e emocionada, o livro em suas mãos pela primeira vez, o fascínio pela capa não poderia se limitar à mera observação, dando-se por contente em ler seu nome na capa. Era preciso reproduzir todas as letras e palavras que pairavam na ilustração de seu velho barraco de madeira – que, aliás, não oferecia nenhum contorno humano de sua existência ou de seus filhos –, reescrevendo em seu diário, com sua caligrafia, o *nome de autora*. E, se seu nome era de autora, não cabia as letras minúsculas para quem por tanto tempo viu e sentiu sua própria

existência ser invisibilizada, minimizada, massacrada, excluída, para quem tantas vezes precisou migrar de cidade em cidade, peregrinando por estradas, estações, lavouras, sem encontrar um lugar para si. Ali, naquela capa de livro, ela havia encontrado um lugar para ficar e se demorar, atravessando os tempos, sabendo que permaneceria viva, como todo nome de autor, mesmo após sua morte. Por isso, munida de seu lápis, escreveu, talvez forçando o grafite no papel, tornando difícil a borracha apagar sem deixar vestígios: Carolina Maria de Jesus. E o título do livro, por sua vez, só podia vir em caixa alta – QUARTO DE DESPEJO –, pois foi de dentro desse quarto que ela mostrou como nele há um universo imenso de uma gente que também tinha nome, também tinha uma história. Esse quarto era o mundo.

À luz disso, refletir sobre o nome de Carolina Maria de Jesus escrito por ela mesma nos leva a pensar nas tantas mulheres negras, inclusive as que viviam com ela na favela do Canindé, que passaram por esse mundo e dele partiram, muitas vezes de forma precoce, sem que seus nomes fossem registrados e lembrados pela sociedade, sem que suas histórias fossem ouvidas para além dos confins de onde foram destinadas a ficar e morrer, sem que também, munidas pela habilidade de ler e escrever, pudessem também narrar suas vidas. Sem entender a cultura letrada como única via legítima de autoexpressão, que canções essas mulheres talvez tenham inventado e se perderam no tempo? O que Leila e Zefa, duas mulheres negras que figuram no diário de Carolina como problemáticas, briguentas e alcóolatras e podem ser reencontradas atualmente com outros nomes nas ruas da Cracolândia de São Paulo, teriam dito sobre si mesmas em seus porres e em seus momentos de sobriedade? Que vida elas teriam narrado? Como seria a assinatura de seus nomes, caso lhes tivesse sido possível estudar? Eis aí mais um (e)feito da escrita de Carolina: ao escrever um diário, inscrevendo em primeira pessoa a subjetividade de uma mulher negra que historicamente foi vista como um corpo feito para trabalhar, ela nos abre uma brecha para

imaginar a vida íntima e insondável de outras mulheres negras de seu tempo, as quais, mesmo sem um rosto ou sem nome, podemos resistir a esquecer que existiram. Nesse sentido, Carolina não era a porta-voz da favela e dos favelados, como foi projetada, mas o eco de muitas “vozes-mulheres”, como diz o poema homônimo de Conceição Evaristo.¹⁴

Naquele dia em que pegou o livro pela primeira vez, suas ações apressadas parecem traduzir o misto de ansiedade, euforia, orgulho que tomou conta de si ao ver seu nome na capa de um livro, indo logo buscar as roupas e cuidar dos filhos para poder se deleitar o mais rápido possível, até às 3h da manhã, com as próprias palavras, agora não num caderno usado, resgatado do lixo, mas no formato de um livro, editado por uma das principais editoras do país. Na madrugada do dia 15 de agosto de 1960, em seu pequeno barraco na favela do Canindé, com lágrimas copiosamente escorrendo pelo rosto e seus dentes níveos reluzentes num “sorriso aberto”, como cantaria Jovelina Pérola Negra décadas depois, Carolina via um novo reflexo de si naquele espelho-livro, ainda que não tivesse uma imagem sua na capa. Mas era preciso. Seu nome estava ali, a desenhar outro futuro para ela. Nessa madrugada em que não conseguiu dormir de tão emocionada que estava, quantas vezes deve ela ter passado seus dedos calejados sobre seu nome na capa, sentindo a textura, a beleza, a força de cada letra, acariciando não só o livro, mas também sua própria vida? A verdade é que seu próprio nome não a deixou dormir, nome que cada dia mais dizemos para mantê-la viva na literatura e em nós, com obras que são espelhos em que podemos nos olhar em nossa beleza e vulnerabilidade. Diga o nome dela: Carolina Maria de Jesus. Ao insistir em seu nome e nas histórias que queria contar, Carolina também sussurra em nossos ouvidos: diga o seu nome, escreva sua história.

¹⁴ EVARISTO, Conceição. “Vozes-mulheres”. In: *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.